

Aécio e Jorge Viana lutam em Portugal pela legitimidade política

Do lado direito do ringue, o senador mineiro Aécio Neves, candidato derrotado na última disputa para a Presidência da República. À esquerda, o petista Jorge Viana, também senador e igualmente ex-governador de seu estado, o Acre. O juiz da contenda, o ministro do Supremo Tribunal Federal, Gilmar Mendes, no irônico papel de moderador.

ConJur



Aécio Neves, Gilmar Mendes, Jorge Viana e advogado Rui Medeiros no evento em Portugal.
ConJur

O palco do encontro foi o 4º Seminário Luso-Brasileiro de Direito, em Portugal, onde se discutiu a funcionalidade das constituições em tempos de crise, como a que se vive no Brasil. Do lado de fora da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa, cerca de 80 manifestantes acusavam o encontro de ser um convescote de conspiradores, em razão da presença de Aécio, Gilmar e do senador José Serra.

Jorge Viana falou primeiro. Perguntou de que crise a oposição tanto fala. E comparou os números da economia brasileira de 2002 com os registros do final de 2015. O PIB, afirmou, aumentou de 508 bilhões de dólares para 1,77 trilhão; o PIB per capita cresceu de 22,9 mil reais em dezembro de 2002 para 28,8 mil em 2015. A exportação de bens passou de US\$ 60 bi para 190 bilhões. A importação de bens foi de 48 bi para 172 bilhões de dólares. O risco Brasil caiu de 1.400 para 400 pontos. A inflação de 12,5 % para 10%. A taxa de desemprego de 12% para 8%. Os investimentos diretos no país saltaram de US\$ 16,5 bilhões para 75 bi. O senador citou também a queda da dívida bruta e líquida e o crescimento do rendimento médio real dos trabalhadores.

ConJur



Manifestantes acusavam o encontro de ser um convescote de conspiradores.
ConJur

A mesa dos senadores propunha-se a debater os "Desafios dos Regimes Democráticos no Constitucionalismo Contemporâneo". Mas o duelo real foi para ver quem tinha os melhores argumentos para sustentar ou negar a continuidade do governo Dilma Rousseff.

Na sua vez, o tucano Aécio Neves invocou Norberto Bobbio, para quem um governo para se sustentar tem que garantir três condições básicas: legitimidade, governabilidade e legalidade. A administração Dilma, disse Aécio, já perdeu essas três condições. Como todo governo populista que se fragiliza, argumentou, a presidente lançou mão do discurso da vitimização: "Mas o fato é que os primeiros a pagar pelas políticas erradas são exatamente os mais pobres que eles dizem defender", disse Aécio.

O opositor também trouxe seus números e disse que o Brasil hoje tem 10 milhões de desempregados e 1,7 milhão despejados nos últimos doze meses. "Um em cada cinco jovens está desempregado. A dívida pública, segundo os mais otimistas, ultrapassará os 70% em breve". E aproveitou para ironizar a versão de que as manifestações públicas são um truque da oposição: "Quiséramos nós ter força para mobilizar tanta gente. Se tivéssemos, teríamos ganhado as eleições".

Futuro misterioso

Tanto Aécio quanto Jorge Viana concordaram em um ponto. O futuro imediato do país é um mistério. Nenhum dos dois manifestou qualquer esperança em relação a um governo chefiado pelo PMDB. O petista chamou a atenção para o fato de que nas manifestações públicas, a rejeição é democraticamente contrária a todos os partidos. E mostrou preocupação em relação ao sucesso que fazem nesse momento representantes do setor mais abjeto da política, como o deputado Jair Bolsonaro (PSC-RJ).

Apesar da ressalva de que o PT sempre que fica entre os interesses do partido e os do Brasil opta por olhar pela sigla, Aécio não sonou um elogio aos adversários. "O PT é um partido importante para o país", mas para agulhar em seguida, "fará muito bem aos petistas passar um tempo na oposição".

ConJur



Na entrada do evento, manifestantes reclamavam da participação de Aécio Neves.
ConJur

Ao argumentar sobre a necessidade de um entendimento civilizado entre as forças políticas do país, Aécio narrou o dissabor de quando, ao reconhecer a derrota para Dilma, em 2014, telefonou para a vencedora. "Liguei para cumprimentar, mas também para me colocar à disposição na tarefa necessária de unir o país", narrou. "Mas a resposta não foi a que eu esperava. Ela foi arrogante. Respondeu que havia vencido com o amplo apoio da sociedade. Hoje, sitiada no Planalto sem poder se comunicar com a sociedade, fala-se em trauma. Mas o trauma maior para o país é a permanência da presidente Dilma no governo".

Palavra do juiz

Da sua posição de moderador, o ministro Gilmar Mendes observava o embate, até que resolveu se posicionar. Foi enfático quanto à necessidade de mudanças no sistema partidário do Brasil, criticou medidas do Judiciário e profetizou que o país tem encontro marcado com a reforma política.

“As intervenções do judiciário não foram as mais felizes. Permitimos a sobrevivência de pequenas legendas o que provocou obesidade no sistema. Logo após o mensalão começou um processo de infidelidade partidária mediante transferência paga. O Supremo então julgou e disse que a infidelidade partidária pode gerar perda de mandato. Mas criou-se uma brecha para criar novos partidos e isso estimulou o surgimento de legendas. Uma das últimas a aparecer é o Partido da Mulher Brasileira, que não tinha uma única mulher. Isso é grave e é preciso uma reforma. Temos feitos intervenções que podem confundir o sistema”, disse Gilmar.



Serra contra a Constituição

Na palestra anterior, o senador José Serra dividiu mesa com o respeitado professor português Carlos Blanco de Moraes. O tucano defendeu insistentemente o parlamentarismo dentro do tema "Os sistemas políticos em avaliação em tempos de crise". Em sua fala, Serra destacou o período recorde de estabilidade política e econômica do país, destacando como vitórias a derrubada da inflação, a redução da pobreza e o desaparecimento do fator militar na política.

Serra criticou a Constituição, que "não contente em determinar as regras do jogo pretendeu também determinar o resultado da partida" com decisões como a de limitar juros e vedar a transferência de valores dentro do país.

Outro ponto negativo apontado por ele foi a evolução da economia. "O crescimento nesses 30 anos foi medíocre. De 1950 a 1980 o PIB cresceu três vezes. De 1985 a 2015, o Brasil cresceu 40%. A desindustrialização só se acentuou e nesses 30 anos a sua participação no PIB caiu de 24% para menos de 10%." Para Serra, a falta de resposta para os problemas nacionais já há tempos permitia prever o desfecho da atual administração. "Nunca acreditei que a presidente Dilma conseguiria concluir seu segundo mandato", disse o senador.

Date Created

31/03/2016